

“O AMOR É UMA JORNADA”

CONVERSANDO
COM A MÍDIA

As sessões (The sessions) – Direção: Ben Lewin. Estados Unidos, 2012. Com John Hawkes, Helen Hunt, William Macy.

Assisti *As sessões* na versão em DVD, e todas as referências falavam de um filme sensível, divertido (até mesmo hilariante!), e baseado em uma história real. Foi um filme injustamente pouco comentado na mídia e que, apesar da indicação de Helen Hunt a melhor atriz coadjuvante na premiação do Oscar de 2012, recebeu pouca atenção da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. O que me interessou de saída foi o título do filme – imediatamente pensei que teria algo relacionado à terapia. Neste ponto já há uma primeira surpresa porque *As sessões* tem sim a ver com terapia, mas de uma forma bem diferente de terapia: é o trabalho de uma terapeuta corporal, ou “substituta sexual”, que ajuda um deficiente a ter sua primeira relação sexual. Seria assim a “primeira noite” de um homem de quase 40 anos que, vítima de um tipo grave de poliomielite contraída aos 6, não pode passar mais do que três horas por dia fora de uma máquina – um pulmão de aço que o ajuda a respirar. Mas o filme (um depoimento verídico do jornalista e poeta norte-americano Mark O’Brien*, que viveu até os 49 anos com quase todo o corpo paralisado embora não privado de sensações) me fez pensar...

Decerto a trama trata de maneira bem humorada e leve um tema bastante complexo e delicado, como o da intimidade e da sexualidade, e coloca em pauta aspectos quase contraditórios (a potência e a deficiência) do assunto sexo. Boa parte do mérito talvez caiba ao próprio Mark O’Brien, possuidor de um senso de humor peculiar e uma boa dose de irreverência, e também às maravilhosas atuações dos atores, com menção especial aos esplêndidos trabalhos de Helen Hunt, a substituta, e John Hawkes, que interpreta Mark. Este último consegue, apenas com a cabeça aparecendo, através de um incrível trabalho de expressão facial e da naturalidade com que encarna Mark, construir um homem de corpo inteiro que, apesar de sua condição física especial, tem desejos e se faz desejar. O sonho de Mark é perder a virgindade e ter uma relação sexual de verdade, o que seria um desafio e tanto dada sua condição; aconselhado por sua terapeuta e incentivado pelo padre com quem conversa e se confessa, procura uma “substituta sexual” (que não é uma prostituta, nem uma terapeuta sexual), que irá ajudá-lo a “ouvir os sinais do seu corpo” e melhorar sua autoimagem.**

Em 1983, escrevi um artigo sobre sexo e pessoas com deficiência. Ao entrevistar homens e mulheres sexualmente ativos, me senti um estranho, como se eu fosse um antropólogo entrevistando headhunters, esforçando-se em manter uma posição de neutralidade científica. Sendo eu mesmo um deficiente, além de também ser virgem, invejava aquelas pessoas profundamente. Levei anos para descobrir que o que me separava delas era o medo – medo dos outros, medo de tomar deci-

LEONORA CORSINI

Psicóloga, mestre em psicologia pela UFRJ e doutora em serviço social pela UFRJ.

* O artigo de Mark O’Brien que inspirou o filme, *On seeing a sex surrogate*, foi publicado na *Sun Magazine*, em 1990.

** Como o próprio Mark esclarece no seu texto, um terapeuta sexual trabalha os problemas emocionais do cliente com relação ao sexo, enquanto uma substituta – *surrogate* em inglês – trabalha o corpo do cliente. Esta modalidade terapêutica esteve muito em voga nos EUA nos anos 1970.

sões, medo da minha própria sexualidade, e um onipresente pavor dos meus pais. Mesmo que eu não morasse mais com eles, continuei a viver sob sua presença implacável, sua desaprovação da sexualidade em geral, e da minha em particular. Na minha imaginação, eles pareciam ter uma incrível capacidade de saber o que eu estava pensando, e estavam sempre prontos para me castigar por qualquer má conduta.

MARK O'BRIEN

O que poderia facilmente descambar para um melodrama piegas ou mesmo uma comédia cheia de clichês acaba sendo um convite para mergulhar numa questão complexa e, ao mesmo tempo, instigante, que é a da construção do corpo. Sim, porque, para mim, é disso que trata o filme, do desafio de pensar que construímos, através das nossas relações e interações no e com o mundo, o corpo que habitamos – e não o contrário. O pulmão de aço não molda o corpo de Mark, mas Mark realiza o seu corpo de dentro de um pulmão de aço. Não existe um corpo já dado, já dotado de tudo o que precisa para funcionar como corpo de alguém. Este corpo, como todos os corpos, precisa ser inventado, criado, construído, realizado, atualizado, num processo que envolve uma trama de relações com outros, com outros que veem, reconhecem, e se relacionam com este corpo. Dizer que constituímos nossa identidade na relação com o outro, ou que um desejo é sempre desejo de outro desejo, já é quase lugar comum para aqueles que se interessam pelos meandros da subjetividade humana, incluindo terapeutas. O novo, a meu ver, é que, como o filme sugere, a dimensão material e carnal da subjetividade é também ela construída no jogo relacional baseado em sentimentos, emoções, conflitos e trocas intersubjetivas. O momento em que Cheryl, a substituta interpretada por Helen Hunt, apresenta a Mark o seu corpo no espelho é bastante emblemático dessa ideia, de forma simples, direta e poética.

A outra dimensão que me chamou atenção e me deixou pensando foi o papel do padre no desenrolar da trama, aquele que escuta o relato de Mark à medida que este vai evoluindo em direção à realização do seu desejo. A escuta do padre, além dos diálogos entre Mark e sua terapeuta, é também parte fundamental neste trabalho de construção. Uma escuta qualificada, que fica entre a empatia, a sensibilidade e a perplexidade de alguém que, em tese, não experimentou ou não vivenciou sua sexualidade “a dois”. Isto me fez pensar no quanto a nossa escuta terapêutica tem o potencial de nos inspirar e nos tornar co-participantes na resolução de problemas ou na realização de desejos, mesmo aqueles em que não temos, necessariamente, experiência ou conhecimento prévio. Quem sabe não seria esta uma maneira de falar sobre a curiosidade genuína que move uma terapia, ou processo terapêutico, para além daquilo que o terapeuta já sabe?

“Meu desejo de amar e ser amado sexualmente só é igualado pelo meu isolamento e pelo medo de sair dele. Este medo tem mão dupla. Tenho medo de acabar sendo rejeitado. Mas também medo de ser aceito e amado. Porque, se isto acontecer, vou me amaldiçoar por todo o tempo que perdi e por toda a vida que não vivi.”

A substituta, no desenvolvimento do seu trabalho corporal com Mark, também acaba sendo tocada amorosamente; a intimidade confere uma qualidade amorosa àquela relação. Isto, como as outras situações do filme, também é tratado com leveza e simplicidade, o suficiente para inspirar mais uma reflexão: uma relação, mesmo não nascida de atração ou paixão, pode se transformar em relação amorosa, ou ter uma tonalidade amorosa. Cheryl se deixa tomar e fica marcada por esta amorosidade, mesmo que isto não interfira em sua vida, em seu casamento, e que ela mantenha o acordo feito com Mark de acompanhá-lo por apenas seis sessões. A presença de Cheryl na vida de Mark se traduz em poesia e na experiência de vencer os próprios medos e fantasmas para construir e realizar o sonho de ter um corpo plenamente capaz de se relacionar sexualmente com outro corpo e de poder amar e ser amado.